

Francês pelo mundo afora: aulas de sensibilização à língua francesa e às culturas de países de língua francesa através da interdisciplinaridade /

Français à travers le monde: cours de sensibilisation à la langue française et aux cultures de pays de langue française par le biais de l'interdisciplinarité

*Kauani Rachid Gomes Pires**

Graduanda em Letras Português/Francês pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bolsista PBEXT-Ações afirmativas no projeto “Sensibilização à língua francesa e às culturas francófonas em escolas de ensino básico” desde 2021.

 <https://orcid.org/0009-0004-6395-1652>

*Larissa de Souza Arruda**

Professora Adjunta de Língua Francesa e de Prática de Ensino de Francês da Universidade Federal de Minas Gerais, mestre (2016) e doutora (2020) em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Vice-líder do grupo de pesquisa LENUFFLE.

 <https://orcid.org/0000-0002-3772-3734>

*Daniela Akie Hirakawa**

Professora Adjunta da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE-UFMG), onde atualmente exerce o cargo de coordenadora do Centro de Extensão.

 <https://orcid.org/0000-0002-9383-3719>

*Eliane Ferreira Campos Vieira**

Possui graduação em Geografia, na modalidade licenciatura, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com especialização em Geoprocessamento. Mestre (2005) na área de Concentração de Análise Ambiental pela UFMG e doutora (2015) em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, é docente no

*  kauani.rachid@gmail.com

*  larissa.arruda.ufmg@gmail.com

*  d.hirakawa76@gmail.com

*  elianefcvieira@ufmg.br

Centro Pedagógico da UFMG junto ao Núcleo de Geografia.

 <https://orcid.org/0000-0001-6388-3531>

Recebido em: 20 set. 2023. Aprovado em: 03 nov. 2023.

Como citar este artigo:

PIRES, Kauani Rachid Gomes.; ARRUDA, Larissa de Souza.; HIRAKAWA, Daniela Akie.; VIEIRA, Elena Ferreira Campos. Francês pelo mundo afora: aulas de sensibilização à língua francesa e às culturas francófonas através da interdisciplinaridade. *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 12, n. especial, p. 189-203, nov. 2023. Doi: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10199018>

RESUMO

Este artigo apresenta um relato das experiências de estágio e extensão dentro do projeto “Sensibilização à língua francesa e às culturas de países de língua francesa em escolas de ensino básico”, o qual possui uma perspectiva multidisciplinar e intercultural e tem como objetivo promover o ensino da língua francesa e das culturas francófonas no contexto escolar, através do desenvolvimento de projetos pluriculturais e plurilingues. As atividades relatadas aconteceram no Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais dentro de um Grupo de Trabalho Diferenciado (GTD), componente diversificado da matriz curricular do CP, de modo interdisciplinar com a disciplina de Geografia. As aulas tiveram como objetivo não apenas discutir as noções de país, cultura, identidade e língua, mas também sensibilizar os alunos à diversidade linguística e cultural, e promover uma reflexão metalinguística. As aulas proporcionaram aos alunos da rede básica a oportunidade de entrar em contato com uma língua estrangeira que não faz parte do currículo da escola. Isso lhes permitiu expandir seus horizontes culturais, refletir sobre diferentes identidades e construir uma consciência intercultural. Tudo isso foi alcançado por meio de atividades criativas e lúdicas que visavam tornar o aprendizado do francês uma experiência envolvente e significativa. Esperamos que este relato contribua para a ampliação das reflexões sobre o ensino do francês para crianças no ensino básico, destacando a importância de abordagens interculturais e interdisciplinares que enriquecem o processo de aprendizado e promovem a compreensão das línguas e culturas estrangeiras desde a infância.

PALAVRAS-CHAVE: Perspectiva multidisciplinar; Intercultural; Extensão; Ensino de FLE para crianças; Estágio.

RÉSUMÉ

Cet article présente un compte rendu des expériences de stage et d'extension au sein du projet "Sensibilisation à la langue française et aux cultures de pays de langue française dans les écoles primaires", qui adopte une perspective multidisciplinaire et interculturelle et vise à promouvoir l'enseignement de la langue française et des cultures francophones dans le contexte scolaire, grâce au développement de projets pluriculturels et plurilingues. Les activités décrites ont eu lieu au Centre Pédagogique de l'Université Fédérale de Minas Gerais au sein d'un Groupe de Travail Différencié (GTD), un composant diversifié du programme d'études du CP, de manière interdisciplinaire avec la discipline de Géographie. Les cours avaient pour objectif non seulement de discuter des notions de pays, de culture, d'identité et de langue, mais aussi de sensibiliser les élèves à la diversité linguistique et culturelle, et de favoriser une réflexion métalinguistique. Cela leur a permis d'élargir leurs horizons culturels, de réfléchir sur différentes identités et de développer une conscience interculturelle. Tout cela a été réalisé grâce à des activités créatives et ludiques visant à rendre l'apprentissage du français une expérience engageante et significative. Nous espérons que ce compte rendu contribuera à élargir la réflexion sur l'enseignement du français aux enfants de l'enseignement primaire, en mettant en avant l'importance des approches interculturelles et interdisciplinaires qui enrichissent le processus d'apprentissage et favorisent la compréhension des langues et des cultures étrangères dès le plus jeune âge.

MOTS-CLÉS: Perspective multidisciplinaire ; Interculturalité ; Extension ; Enseignement du FLE aux enfants ; Stage.

1 O ensino de línguas estrangeiras nas escolas e o estágio de francês na universidade

Na dupla habilitação português-francês da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), há duas disciplinas de estágio de francês previstas para os dois últimos períodos do curso. Nas primeiras aulas de Estágio e Prática de Francês I, no primeiro semestre de 2023, pudemos discutir acerca do espaço do ensino de francês língua estrangeira (FLE) no Brasil, principalmente na educação básica, traçando uma perspectiva histórica do ensino dessa língua no nosso país.

Atualmente, todavia, o ensino de línguas estrangeiras nas escolas tem um caráter sobretudo monolíngue, visto que o inglês tem sido a língua privilegiada pelas leis de ensino, o que afeta diretamente professores formados (ou em formação) em outras línguas estrangeiras¹. Mas nem sempre foi assim. Em 1996, com a promulgação da Lei nº 9.394/96, havia a obrigatoriedade do ensino de línguas estrangeiras nas escolas de ensino fundamental e médio, cabendo à comunidade escolar escolher qual língua seria ensinada. Em 2017, a Lei nº 13.415/2017, conhecida como a lei do Novo Ensino Médio, o ensino da língua estrangeira tornou-se mais restritivo, já que o inglês passou a ser a língua obrigatória a partir do 6º ano do ensino fundamental. A justificativa da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a inserção do inglês é a seguinte:

Aprender a língua inglesa propicia a criação de novas formas de engajamento e participação dos alunos em um mundo social cada vez mais globalizado e plural, em que as fronteiras entre países e interesses pessoais, locais, regionais, nacionais e transnacionais estão cada vez mais difusas e contraditórias. Assim, o estudo da língua inglesa pode possibilitar a todos o acesso aos saberes linguísticos necessários para engajamento e participação, contribuindo para o agenciamento crítico dos estudantes e para o exercício da cidadania ativa, além de ampliar as possibilidades de interação e mobilidade, abrindo novos percursos de construção de conhecimentos e de continuidade nos estudos. (BRASIL, 2018, p. 243)

O trecho acima caracteriza o que uma língua estrangeira pode proporcionar ao aluno no momento da aprendizagem: novas formas de engajamento, participação dos alunos em um mundo social mais globalizado e plural, possibilidade de acesso aos saberes linguísticos, o exercício da cidadania ativa. Porém, a escolha de definir a língua inglesa como única possível no currículo faz com que a BNCC vá de encontro do monolinguismo. Ou seja, a própria Base nos soa contraditória, pois defende algo na teoria que não se concretiza na prática.

¹ A língua espanhola teve sua obrigatoriedade no Ensino Médio promulgada pela Lei nº 11.161 de 2005, mas tal lei foi extinta após a Reforma do Ensino Médio, em 2017.

Se as escolas pudessem escolher qual(ais) língua(s) estrangeira(s) ensinar, a partir do interesse dos seus alunos e da comunidade escolar, teríamos outras chances de proporcionar aos estudantes o que é, de fato, plural, como salienta Arruda (2020, p. 466):

Ao tirar a autonomia da comunidade escolar poder escolher qual língua estrangeira deve ser ensinada nas escolas básicas, como era previsto nas Leis de Diretrizes e Bases (LDB, 1996), é esquecida a importância do plurilinguismo e da diversidade em nosso país além de questões sociais, culturais, históricas e afetivas da comunidade escolar com outras línguas estrangeiras serem também desprezadas.

Como possível reflexo da não valorização do plurilinguismo, não encontramos na cidade de Belo Horizonte nenhuma escola pública que oferecesse a língua francesa em seu currículo regular. Localizamos algumas poucas escolas privadas que oferecem aulas de francês, de forma optativa, o que dificulta a realização dos estágios de língua francesa na cidade. Sabendo desse obstáculo que os licenciandos em Letras português-francês encontram, os docentes de língua francesa e de estágio supervisionado em francês da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) elaboraram o projeto de extensão “Sensibilização à língua francesa e às culturas de países de língua francesa nas escolas de ensino básico” para firmar parcerias com escolas que pudessem receber os alunos dos estágios. A universidade, em contrapartida, através de bolsistas ou voluntários do projeto, se dispunha a ofertar oficinas de sensibilização à língua francesa, não apenas para os alunos das escolas parceiras, mas também para toda a comunidade escolar (diretores, professores e funcionários das escolas e pais e responsáveis de alunos).

O projeto então teve início em 2019, com o oferecimento de três Grupos de Trabalho Diferenciados (GTD) no Centro Pedagógico (CP) da UFMG. O CP foi escolhido como espaço para abrigar essas três experiências-piloto por ser um colégio de aplicação, ou seja, funciona como uma escola-laboratório, e objetiva ser um lugar para o desenvolvimento de pesquisas, experimentação de novas práticas pedagógicas, além de ser um espaço por excelência de formação e capacitação docente. Neste trabalho, serão expostas as atividades realizadas no primeiro semestre de 2023 no Centro Pedagógico da UFMG.

2 Grupos de Trabalho Diferenciado de francês no Centro Pedagógico da UFMG

Para quem cursa licenciatura em Letras na UFMG é possível fazer o estágio obrigatório de português, inglês e espanhol no CP, já que são as línguas obrigatórias do currículo da escola. O curioso é saber que a língua espanhola ainda é ofertada como disciplina obrigatória, mesmo que com a implementação BNCC², em 2018, ela tenha deixado de ser. Em conversas informais com professoras do CP sobre o histórico do ensino de línguas do CP, fomos informadas que o francês já foi como o espanhol, mas desde a aposentadoria da última professora de língua francesa, no ano de 2017, a disciplina deixou de fazer parte do núcleo de línguas estrangeiras da escola, sem novas contratações.

O projeto de extensão “Sensibilização à língua francesa e às culturas francófonas nas escolas de ensino básico” foi criado inicialmente para preencher essa lacuna no ensino de línguas estrangeiras no CP. Partindo de uma perspectiva multidisciplinar e intercultural, o objetivo desse projeto é promover o ensino da língua francesa e das culturas de países de língua francesa no contexto escolar, através do desenvolvimento de projetos pluriculturais e plurilingues.

No CP, as ações do projeto foram realizadas no âmbito do Grupo de Trabalho Diferenciado (GTD), componente da parte diversificada da matriz curricular do CP. O GTD é desenvolvido em parceria com os professores em formação, que são discentes dos diferentes cursos de licenciatura da UFMG, supervisionados pelos docentes do CP e pelos docentes das diferentes unidades da UFMG. Dessa forma, o GTD, é um momento importante no currículo escolar do CP, posto que se constitui num momento de aprendizagem e vivência das mais variadas temáticas para os estudantes da Educação Básica e se caracteriza como integrante dos processos de formação docente vivenciado pelos estudantes da graduação, e ainda se constitui como um espaço de reflexão, proposição e também de aprendizagem sobre a prática de ensino por parte dos professores orientadores.

Os três primeiros GTD realizados no segundo semestre de 2019 atenderam no total quarenta estudantes dos três ciclos da escola e foram supervisionados por uma professora de Espanhol. Os GTDs do primeiro e do segundo ciclo procuraram desenvolver uma competência pluricultural e plurilíngue dos alunos através de jogos, canções e técnicas teatrais. Já o GTD do terceiro ciclo buscou sensibilizar os alunos à língua francesa e às culturas francófonas através do cinema. Devido à boa aceitação do projeto por parte dos alunos, foram oferecidos dois GTD no primeiro semestre de 2020 para atender 30 alunos, entretanto devido à crise sanitária provocada pela pandemia de COVID-19 as aulas desses GTD foram suspensas. O GTD foi retomado na modalidade remota no segundo semestre de 2021 pela bolsista

² Lei nº 13.415/2017.

PBEXT-Ações afirmativas, graças à parceria com uma professora de Geografia. Pautado, portanto, por uma concepção interdisciplinar e pluricultural do ensino da língua francesa, o GTD “Francês pelo mundo afora” é ofertado semestralmente desde agosto de 2021. Este GTD tem como objetivo não apenas discutir as noções de país, cultura, identidade e língua, mas também sensibilizar os alunos à diversidade linguística e cultural, e promover uma reflexão metalinguística.

Sobre a abordagem intercultural utilizada no projeto, na qual tem um percurso de olhar para a língua e aprendê-la sob a perspectiva de diferentes culturas, Fabrice Barthélemy et al., no seu livro *Cent mots pour le français langue étrangère*, definem que:

L'apprentissage d'une langue, c'est aussi une confrontation avec la culture de l'autre. La question de la place de son enseignement est donc centrale dans le champ du FLE. Les flottements terminologiques en didactique – où s'opère une transformation progressive du terme civilisation vers celui de culture, puis de culture-civilisation – ne doivent pas masquer les destins qu'a connus cette notion en FLE, où l'on est passé, schématiquement, d'une considération de la civilisation comme complémentaire à celle de la langue, à une introduction de la culture à part entière dès les premiers instants de l'apprentissage.³ (BARTHÉLEMY et al., 2011, p. 113)

Quando aprendemos uma língua é quase como correr alguns riscos, como o de mudarmos nossa visão de mundo, e encarar um mundo totalmente diferente do nosso. Através de uma proposta pluricultural e interdisciplinar, ao conjugar o ensino de geografia com o ensino de francês, abrimos a possibilidade de aprender outras formas de existir no mundo, de encontrar em outras culturas semelhanças e diferenças com a nossa própria, além de descompartimentalizar saberes e valorizar os conhecimentos prévios dos alunos.

Do mesmo modo que no Brasil temos uma diversidade cultural imensa e outras línguas coexistem com a língua portuguesa, nos países em que a língua francesa é a oficial, sobretudo no continente africano, funcionam de maneira semelhante. No Marrocos, por exemplo, apesar do árabe ser a língua oficial, o francês é também falado pelos marroquinos. Entrar em contato com esse tipo de conhecimento e compreendê-lo colabora para a compreensão mais ampla da diversidade cultural existente no mundo e para a desconstrução de ideias pré-concebidas revestidas de imaginários não realistas. Ensinar através da abordagem intercultural colabora para irmos contra o etnocentrismo, expande uma noção, principalmente às crianças, de que a cultura

³ Tradução nossa: A aprendizagem de uma língua também envolve um encontro com a cultura do outro. A questão do lugar do seu ensino é, portanto, fundamental no campo do Ensino de Francês como Língua Estrangeira (FLE). As flutuações terminológicas na didática – onde ocorre uma transformação gradual do termo "civilização" para "cultura" e, em seguida, "cultura-civilização" – não devem obscurecer os destinos que essa noção teve no FLE, onde, de forma esquemática, passou-se de uma consideração da civilização como complementar à língua para uma introdução da cultura como parte integrante desde os primeiros momentos da aprendizagem.

em que se está inserido não é o único modo de viver, que cada cultura tem seus valores, princípios, ideais e modos de estar no mundo. E que todas são igualmente válidas.

3 Professor em formação: como ser um professor de francês?

A formação de professores muitas vezes suscita inquietação e incerteza, pois nos deparamos com desafios intransponíveis, com os desmontes⁴ de políticas educacionais ao longo dos anos, as disparidades dentro das instituições de ensino público e a persistente defasagem acadêmica que contribui para a evasão escolar. A ausência de políticas públicas para a integração de línguas estrangeiras nos currículos e as questões de remuneração inadequada também são fatores complicadores.

As dificuldades que enfrentamos no ambiente escolar estão relacionadas às atitudes cotidianas dos alunos, representando desafios universais para qualquer educador, incluindo a falta de autonomia, limites, atenção e responsabilidade. Diante dessas lacunas, nos questionamos: como pode um professor em formação de língua estrangeira enfrentar essas questões?

O estágio docente na matriz curricular tem a intenção de colocar os estudantes de licenciatura em contato com a escola antes de exercerem a profissão. Ao frequentarem o espaço escolar, os alunos têm a oportunidade de estar rodeados de múltiplas vivências que as aulas na universidade não são capazes de contemplar somente por meio das teorias estudadas. Nesse sentido, Pimenta (2005, p. 20) afirma que:

Os lugares da prática educativa, as escolas e outras instâncias existentes num tempo e num espaço, são o campo de atuação dos professores (os já formados e os em formação). O conhecimento e a interpretação desse real existente serão o ponto de partida dos cursos de formação, uma vez que se trata de possibilitar aos futuros professores as condições e os saberes necessários para sua atuação profissional.

Ou seja, o real existente só pode ser encontrado na prática. O ser professor é uma construção que acontece apenas quando estamos inseridos no cotidiano escolar, quando passamos, pouco a pouco, a conhecer rotinas e atitudes – nossas e dos outros. Refletir sobre as faltas também faz parte

⁴ Entre eles a PEC 241 (congelamento, em 2017, de verbas por 20 anos na saúde e educação), Lei 13.415 (Reforma do Ensino Médio e BNCC), bloqueio de R\$244 milhões do orçamento das universidades federais do país em 2022.

desse processo de nos disponibilizarmos, sempre que possível, para compreender de onde elas surgem. Muitas vezes não encontraremos soluções, o professor não é (e nem deve) ser capaz de encontrá-las sozinho e é por isso que é urgente, sempre, a prática ser um trabalho e esforço coletivo. Enquanto não encontramos o nosso ideal, mesmo que provisoriamente, vamos construindo estratégias para atingirmos o ser-professor-possível.

Ao que concerne ser professor de língua(s) estrangeira(s) no Brasil, as discussões são um pouco mais complexas, como exemplos temos: o apagamento do francês nos documentos normativos da educação brasileira; a restrição de campos para estágio que se estendem para os campos profissionais; a falta de incentivo a uma formação continuada; além da baixa remuneração. Conforme Arruda (2020) relata, as políticas públicas educacionais de línguas estrangeiras têm uma longa história: no Brasil Colônia (1530-1815), as línguas que eram ensinadas eram as clássicas (grego e latim) e ainda houve uma tentativa, pelo Marquês de Pombal, de inserção das línguas modernas (francês, espanhol e italiano), que não se consolidou porque não havia professores formados para o ensino das línguas modernas. De acordo com a autora, o francês teve um tempo de notoriedade, em meados da década de 1930, momento em que o Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, por exemplo, declarou a obrigatoriedade do ensino da língua francesa e, principalmente, na década de 1940, através da Reforma Capanema, que tornou o francês disciplina obrigatória para o ginásio (atual fundamental 2) e colegial (atual ensino médio), tendo uma carga horária maior que a do inglês e espanhol. O prestígio se quebrou com as mudanças de interesses políticos depois da Segunda Guerra Mundial, já que o Brasil tinha uma dependência cultural e econômica dos Estados Unidos, o francês foi perdendo espaço e o inglês voltou a ser a principal língua estrangeira ensinada nas escolas brasileiras.

Desde a Reforma Capanema, o francês não se tornou mais obrigatório no ensino básico, todavia algumas universidades continuam a formar professores de francês. Podemos nos questionar, no entanto, quais são as ofertas de trabalho atuais para um docente que ensina francês.

Existem cursos livres que oferecem o ensino do francês com ênfase nas quatro competências de comunicação (produção oral, produção escrita, compreensão oral e compreensão escrita) como a Aliança Francesa e centros de extensão de universidades públicas. Os professores podem também oferecer aulas particulares, elaborando aulas de acordo com demandas individuais.

Entretanto, quando os licenciandos passam pela prática de estágio, eles devem se inserir no ensino básico regular, algo que se prova um grande desafio, pois, como relatamos anteriormente, há uma grande dificuldade de encontrar escolas que ofereçam a língua francesa ou que estejam disponíveis

para a oferta de disciplinas. Já vimos que a obrigatoriedade do ensino do inglês não favorece o plurilinguismo nas escolas. Entre as justificativas apresentadas pela BNCC, o documento normativo afirma que a partir do mundo globalizante, o inglês pode trazer uma noção de diversidade e pluralidade aos estudantes. Poderíamos nos convencer disso se outras línguas também não fossem capazes de criar formas de engajamento e conceder aos alunos uma participação mais efetiva em um mundo social. Quando nos deparamos com uma nova língua, nos deparamos com outras realidades, outras culturas, outros sujeitos e maneiras de encarar o mundo, ou seja, nos tornamos sim capazes de construir novas e outras formas.

A partir da aprendizagem do francês, por exemplo, podemos aprender sobre a França, o Haiti, o Canadá, o Gabão, a Polinésia Francesa, a Suíça, a Bélgica, o Camarões e, até mesmo, o Vietnã, o Camboja e o Laos⁵, que possuem o francês de herança em sua história, além de tudo o que esses países têm a oferecer, como suas variedades linguísticas, suas culturas, suas relações (entre eles e com os outros). Enquanto professores de francês, podemos não apenas nos atentarmos aos desejos de mobilidade internacional ou viagens para a França, mas também dar sentido ao que estamos ensinando e construindo em sala de aula. Podemos explorar a francofonia em vários modos, seja pela geografia, seja pelas artes plásticas, seja com brincadeiras, seja pela literatura. A criação de repertório é essencial para o olhar que construímos do mundo, para dissociar visões negativas sobre um lugar e quebrar estereótipos.

4 Francês pelo mundo afora

Para o GTD Francês pelo mundo afora do primeiro semestre de 2023 foram ofertadas 15 vagas voltadas para os alunos das turmas de 6º ano, que possuem entre 11 e 12 anos. As aulas ocorreram às terças-feiras e tiveram duração de 1h20 cada.

No que tange os objetivos gerais das oficinas, esperávamos que os alunos aprendessem: 1) noções básicas sobre em quais países fala-se a língua francesa além da França; 2) relacionar os idiomas português e francês; 3) relacionar a língua francesa com outras culturas, para além da cultura francesa; 4) reconhecer palavras e expressões de língua francesa de diversos países.

⁵ Mostramos aos alunos uma lista com todos os países de língua francesa. Eles puderam escolher quais países queriam trabalhar durante as aulas, idealmente sendo no mínimo um país de cada continente. Tentamos, dessa forma, evitar que eles escolhessem apenas países europeus.

Em termos de infraestrutura para a realização das oficinas, contamos com a disposição de uma sala com computador, projetor e lousa interativa, onde pudemos desenvolver atividades lúdicas através da tecnologia. Além disso, a sala também continha duas mesas grandes para atividades manuais e coletivas.

Ao inserir o francês na escola é comum que escutemos as seguintes frases: "Ah, mas é muito chique falar francês!" ou "Que legal! Paris é muito linda, quero muito aprender francês para um dia ir pra lá!" ou, até mesmo, respostas engraçadas vindas das crianças: "A gente vai comer *macaron*?". Com as aulas de sensibilização à língua francesa e às culturas de países de língua francesa através da interdisciplinaridade com a geografia, dentro do GTD Francês pelo mundo afora, pudemos nos aprofundar nas questões culturais dos países e superar alguns estereótipos.

Sabemos que faz parte do imaginário coletivo estabelecer uma relação da língua francesa apenas com a cultura da França e esse é um desafio que até nós, professores de francês, enfrentamos em nossa prática, pois a maioria dos materiais didáticos abordam, sobretudo aspectos culturais da vida francesa e, no máximo, se estendem à Bélgica, à Suíça e ao Canadá. Dessa maneira, se baseando na abordagem intercultural e em aprender brincando, a intenção é justamente escapar do senso comum e de estereótipos ligados à língua francesa.

4.1 Primeiros contatos

Para a primeira aula fizemos um jogo chamado *Le jeu de la francophonie: vrai ou faux ?*⁶, que consistiu em ser um jogo de perguntas que ora as respostas eram verdadeiras ora eram falsas, e cabia aos estudantes dar as respostas. Antes de explicar como funcionou, é preciso dizer da importância da escolha em utilizar jogos em sala de aula, principalmente para engajar os alunos daquilo que eles desconhecem.

Segundo Vanthier (2009), na aula de línguas, o jogo apresenta uma tripla dimensão: a lúdica; a linguística e cognitiva; e a socializante. Na dimensão lúdica, o jogo envolve o desconhecido (ligado ao acaso ou às estratégias em desenvolvimento), e o jogador sempre tem algo a ganhar, a encontrar e/ou um obstáculo a superar. Diferentemente de um exercício comum em sala, que trabalha unicamente a competência linguística, o jogo exige também outras faculdades mentais. Na linguística e cognitiva, o

⁶ O jogo da francofonia: verdadeiro ou falso?

jogo conduz os aprendizes a falar para poder agir, levando-os a aperfeiçoar sua linguagem na perspectiva da ação. Por meio da utilização recorrente de palavras e estruturas sintáticas, ele favorece a melhoria de competências comunicativas e metalinguísticas. Na dimensão socializante, o jogar proporciona uma relação social em razão da tarefa a ser realizada e “[...] *requiert l’utilisation du langage comme moyen d’interaction authentique dans la salle*”⁷ (VANTHIER, 2009, p. 57). Quando jogamos, fazemos escolhas de dizer e de agir ou não em determinado momento.

Algumas perguntas do jogo foram as seguintes: “Bélgica, Marrocos e França são países conhecidos que falam francês. Verdadeiro ou falso?”, “A palavra abajur vem do francês *abat-jour*. Verdadeiro ou falso?”, “Gabão é um dos países do continente asiático que fala francês. Verdadeiro ou falso?”. Assim que as perguntas eram feitas, cada um tinha que levantar uma das placas “VRAI” para verdadeiro ou “FAUX” para falso. Em um sistema de rodadas e pontuação, ganhava quem tivesse respondido certo a maior parte das perguntas. O jogo funcionou 1) dimensão lúdica pela busca das respostas certas e conhecimentos prévios de mundo dos alunos, sendo um desafio que gerou estímulo entre os participantes; 2) dimensão linguística ao associarem as palavras *vrai* ou *faux* em francês ao verdadeiro e falso em português; e 3) dimensão socializante ao sucesso de todos estarem dispostos a jogar e torcer uns pelos outros.

Acreditamos, logo, que o jogo aguçou a curiosidade dos alunos em relação à língua francesa, já que muitos não sabiam que se trata de uma língua falada pelo mundo todo e se surpreenderam com o fato de que existem países na América e na África que tenham o francês como uma de suas línguas oficiais. De acordo com SUMIYA; GOTTI ; ROCHEBOIS (2013, p. 344),

O brincar faz parte do mundo infantil e é essencial para uma boa formação da criança. É brincando que a criança apreende o mundo, se socializa, explora novos saberes, estimula a criatividade, cria, recria, inventa, foge do real e, principalmente, se diverte, tornando-se mais feliz.

Ficou evidente, que depois do jogo, o clima em sala de aula se tornou mais leve, as crianças se sentiram mais à vontade e, até mesmo, a relação entre os alunos e a estagiária se fortaleceu, com quem eles conseguiram criar uma confiança sólida. Essa afetividade em sala de aula, principalmente no ensino de línguas estrangeiras, é de extrema importância. Quando as crianças estão diante do desconhecido e têm, muitas vezes, insegurança, medo ou vergonha de falar na língua-alvo, é essencial a criação desse

⁷ Nossa tradução: “exige a utilização da linguagem como meio de interação autêntica em sala de aula”.

ambiente mais divertido, pois um dos nossos principais objetivos é que, além de sensibilizá-los à língua francesa e às culturas dos países de língua francesa, é que a aprendizagem possa ser prazerosa.

4.2 *Un voyage autour du monde francophone*

O lúdico, para Mourão et al. (2010) se apresenta como meio de expressão fundamental da práxis pedagógica na alfabetização, eles ressaltam que a ludicidade deve estar presente em qualquer ambiente de ensino-aprendizagem. Logo, para continuar incitando o lúdico e a criatividade, além do jogo, propusemos uma suposta viagem pelo mundo francófono para que os alunos conhecessem mais sobre alguns outros países e culturas de países de língua francesa. Para deixá-los ter a escolha de quais países francófonos gostariam de conhecer, fizemos uma lista com alguns de cada continente e os escolhidos foram: Congo, Guiana Francesa, Tunísia, Argélia e Haiti. Ao longo das viagens, propusemos que os alunos fizessem um *carnet de voyage*, que foi pensado como produto da disciplina e, também, para proporcionar uma experiência autêntica aos alunos. O caderno de viagens é um gênero textual que muitos viajantes utilizam para registrar suas memórias e impressões sobre os lugares que visita, funciona como um diário de viagem.

Para o início da nossa “viagem”, começamos utilizando um mapa interativo online, o Localingual⁸. Pudemos, através da lousa interativa que dispúnhamos, trabalhar de modo dinâmico. Sob orientação, cada aluno clicou em um país onde se fala francês. Ao clicar no país, abre-se um menu na lateral direita do visor, em que podemos ouvir alguns falantes nativos reais pronunciando o nome do país, com diferentes sotaques. Ao selecionar o Brasil, por exemplo, é possível ouvir sotaques de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Bahia e de outros estados. Também dá para descobrir como o nome de um país é pronunciado na França, como, por exemplo, um francês ou uma francesa pronuncia /*maʁɔk*/ (*Maroc*). Então, além de se situarem no mundo, os alunos ainda foram estimulados a escutar diferentes falantes e suas variações.

Visto que foram escolhidos cinco países a serem trabalhados, tivemos que construir cinco aulas em torno deles, envolvendo aspectos culturais, geográficos e linguísticos. A estrutura foi a seguinte: exposição, atividade e produção de uma página semanal para o *carnet de voyage*. Foi criado, então, para cada país uma página com breves orientações para os registros, como “A francofonia é...” e “O

⁸ <https://localingual.com/>.

que eu mais gostei...” para que eles completassem com suas próprias palavras. A seguir reproduzimos algumas dessas páginas:

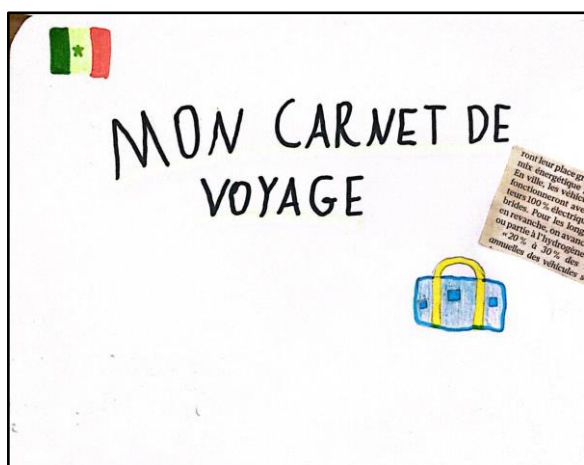


Figura 1

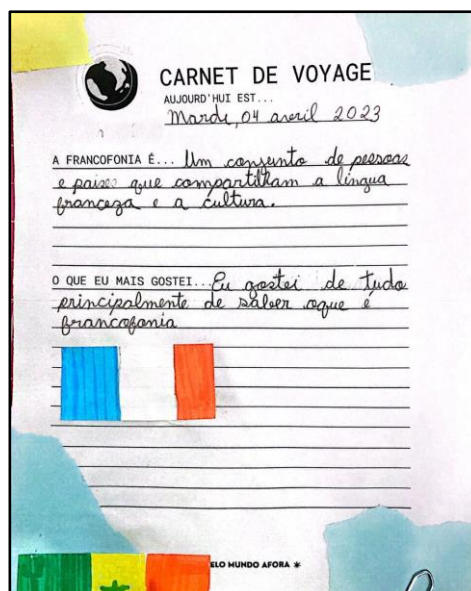


Figura 2

A cada país visitado tentamos suscitar pontos culturais importantes daquele lugar, como as cantigas de roda para crianças no Congo, estabelecendo uma relação direta com as que temos no Brasil. Cantamos com os alunos *Coco Laye Laye*, que funciona parecido com *Corre-Cotia*⁹, mas que a dinâmica é responder a seguinte pergunta para aquele que fica em pé: uma pergunta “Comment tu t’appelles ?” e o outro responde “*Je m’appelle...*” e essa foi a maneira de eles aprenderem como se apresentar em língua francesa. Quando falamos da Argélia, trabalhamos com a música *Je suis africain*, do cantor Rachid Taha e conversamos sobre o conceito de nacionalidade. Para abordar o Haiti, trabalhamos com a música *Lamizè Pa Dous*, da banda Lakou Mizik, que é cantada em francês crioulo, para que eles pudessem conhecer outras variações e usos da língua.

Discutimos, ainda, questões sobre o colonialismo e, embora seja um assunto atravessado de pesos e escape da nossa proposta do lúdico, acreditamos que tais questões serviram para que eles compreendessem como é, de fato, a francofonia, que existem pessoas que falam francês pelo mundo

⁹ *Corre-Cotia* é uma brincadeira típica brasileira para crianças. Os participantes se sentam em roda e cantam para quem começa correr em torno da roda: “Corre, cotia, na casa da tia. Corre, cipó, na casa da vó. Lencinho na mão, caiu no chão”, onde, aquele que corre deixa um lenço atrás de outro participante da roda e ambos correm um atrás do outro, até que tentem ocupar o lugar que está vago na roda e o processo se repita.

que não são como a que eles sempre imaginaram e isso acontece devido a questões históricas importantes. Esperamos, portanto, que eles sejam capazes de desenvolver uma consciência, mesmo que mínima, sobre as noções de espaço, língua, fronteira, cultura e que isso se reverbere, mais na frente, em um olhar mais crítico e investigativo sobre o mundo.

Considerações finais

O projeto “Sensibilização à língua francesa e às culturas de países de língua francesa nas escolas de ensino básico” proporciona aos alunos ampliar seus horizontes culturais, refletindo sobre diferentes identidades e construindo sentido no ensino de Francês Língua Estrangeira. A experiência relatada no Centro Pedagógico UFMG revela uma iniciativa promissora de promover aos alunos o contato com a língua francesa, mesmo que de modo optativo. A abordagem intercultural adotada neste projeto buscou despertar nos alunos uma consciência intercultural, incentivando a reflexão sobre diferentes perspectivas culturais e a valorização da diversidade linguística.

Além disso, o artigo buscou refletir sobre questões das limitações impostas pelo sistema educacional brasileiro e o histórico do ensino de francês no país e a falta de oportunidades para professores de francês língua estrangeira no ensino básico. Concluímos que ainda há pouco espaço para tantos futuros docentes que se formam em duplas habilitações. O pluriculturalismo e o plurilinguismo devem ser valorizados e a inserção de outras línguas estrangeiras pode contribuir para um olhar mais investigativo e enriquecedor para os alunos. Reforçamos que, ao estudar uma língua estrangeira, sob a perspectiva intercultural, estamos diante da reflexão sobre nossa própria língua e sobre nossos próprios costumes. A experiência vivenciada no estágio no Centro Pedagógico da UFMG, de sensibilizar crianças à língua francesa e às culturas francófonas, pode servir como ponto de partida para reflexões e ações que visem uma educação mais plural e diversificada, capaz de atender às necessidades e potencialidades dos alunos no contexto linguístico e cultural do Brasil.

CRediT
Reconhecimentos: Não é aplicável.
Financiamento: Não é aplicável.
Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
Aprovação ética: Não é aplicável.

Contribuições dos autores:

Conceitualização, Curadoria de dados, Investigação, Metodologia, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original.: PIRES, Kauani Rachid Gomes.

Conceitualização, Metodologia, Administração do projeto, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - revisão e edição.: ARRUDA, Larissa de Souza.

Conceitualização, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Supervisão, Validação.: IEIRA, Eliane Ferreira Campos.

Conceitualização, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Supervisão, Visualização, Escrita - revisão e edição.: HIRAKAWA, Daniela Akie.

Referências

ARRUDA, L. S. *Políticas públicas educacionais de FLE no Brasil e seus reflexos na formação docente*. Revista Humanidades & Inovação, v. 7, p. 465-475, 2020.

BARTHÉLÉMY, F.; et al. *Cent mots pour le français langue étrangère*. Paris: L'Harmattan, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. 2018. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC EI EF 110518 versaofinal site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf)>. Acesso em: 21 set. 2023.

MOURÃO, M. L. S.; ALMEIDA, J. S.; SANTOS, M. C. S. *Do lúdico ao intercultural: uma proposta de aprendizagem da língua francesa por meio da interculturalidade*. Revista Dialogos: a cultura como dispositivo de inclusão, Brasília, v.13, n.1, ago, 2010, p. 63-68.

PIMENTA et al. *Ensino de língua francesa e o uso do lúdico e a interculturalidade em sala de aula*. Conedu: VI Congresso Nacional de Educação. 2019.

SUMIYA, A. H.; GOTTI, R. L.; ROCHEBOIS, C. B. *Aprender brincando: o ensino-aprendizagem de Francês para crianças*. Revista de C. Humanas, Viçosa, v. 13, n. 2, p.343-354, jul./dez. 2013.

VANTHIER, Hélène. *L'enseignement aux enfants en classe de langue*. Paris: Clé International, 2009.